



Mirante da igreja de Sta. Tereza, construído por volta de 1690; encobre a cúpula, quase igual à de São Bento.

INFLUÊNCIA ARÁBICA NA ARTE BAIANA

CARLOS OTT

da Faculdade de Filosofia da UFBA.

Já se escreveu muito sobre a influência arábica na formação da arte brasileira. Entretanto, afirmaram-se inúmeras coisas que, hoje em dia, já não podem ser sustentadas. Deixaram-se seduzir principalmente pelo grande número de palavras arábicas existentes no português, que se referem à arquitetura, como alicerce, alcova, tabique, apêndre, andaime, etc.

Assim Gilberto Freyre (1) escreveu: “Os artífices coloniais, a quem deve o Brasil o traçado de suas primeiras habitações, igrejas, fontes e portões de interesse artístico, foram homens criados dentro da tradição mourisca”.

Uma frase dessas, 20-30 anos atrás, se engoliu, pois faltavam ainda as pesquisas em arquivos para refutar asserções gratuitas dessas. Mas hoje em dia, e especialmente na Bahia, possuímos investigações minuciosas (2) sobre a origem dos colonos portugueses; conhecemos a percentagem da contribuição numérica de cada região lusitana. Mas verificamos logo na construção da casa popular baiana uma influência fortíssima de Algarve e, por conseguinte, em grande parte de origem arábica, ao menos africana. Entretanto a casa de taipa foi empregada pelos colonos baianos, sendo dois terços oriundos do norte de Portugal, não porque se empregava na sua terra natal, mas por motivos óbvios financeiros no novo *habitat*: tropical. Por conseguinte, a introdução da casa de taipa na Bahia não se deve atribuir à influência cultural arábica, mas climática.

As primeiras aparências freqüentemente enganam. Semelhança ou identidade de elementos culturais nem sempre é sinal de influência.

Igualmente está errado querer atribuir à influência arábica a nossa telha colonial (3). Não negamos ter sido, às vezes, chamada “telha mourisca”, como se deu o caso no contrato da construção da igreja do Passo desta Cidade do Salvador, com o mestre pedreiro João Antunes dos Reis, que se obrigou a fazer por 21000 cada braça quadrada do telhado do dito templo, incluindo-se naturalmente neste preço a madeira (vigas, caibros e ripas) que sustentava esta “telha mourisca” (4). Em outros documentos do Séc. XVIII, só se fala em “telhas”; e já que ainda não se empregava a telha francesa, chamavam o telhado feito da dita telha colonial de “telhado valadio”, pois for-

mava “valas” (5). Hoje sabemos que esta telha, embora chamada de mourisca, não era invenção arábica; em primeiro lugar, na Arábia e no Egito não chove mas apenas chovisca, dispensando-se por isso geralmente o uso da telha e empregando-se teto plano sem telhas. Por outro lado, já no tempo dos romanos, esta telha estava espalhada no Mediterrâneo todo, por conseguinte também em Portugal. Algumas destas telhas até se conservaram em casas romanas submersas no Mediterrâneo em Herculanium, perto de Nápoles (6). Não foram, porém, os romanos que inventaram esta telha, mas, conforme se supõe, os gregos e por volta de 2.000 a. C. como se deduz de escavações arqueológicas feitas no Peloponeso (7).

Cai pois por terra mais uma asserção gratuita de Gilberto Freyre.

Outro elemento cultural muito propagado nas áreas culturais lusitanas e espanholas, tanto da Europa como das Américas, e geralmente atribuído à origem arábica é a janela fechada com grades emxadrez ou “rótulas”, como se chamavam na Bahia colonial (8).

Creio ser difícil provar isso. Sem dúvida encontram-se belíssimos exemplares de tais balcões pitorescos nas áreas culturais arábicas, como no Egito (9), onde a influência da arte islâmica foi das mais fortes; mas também não faltam na antiga Pérsia (10), onde, porém, não levavam muito a sério as prescrições arábicas de não representar figuras humanas, achando não serem proibidas tais figuras sem sombra, já que uma pessoa viva sempre possui sua sombra. Mesmo na Índia não faltam varandas e balcões semelhantes, sem serem criados sob influência arábica (11). Quer me parecer, pois, serem estas antes resultados do clima tropical e do ciúme masculino.

Antigamente havia muito mais balcões deste gênero na Bahia, tanto em casas particulares como em conventos; no Destêrro, uma janela de corredor chamada “conventual”, possuía no século passado um balcão mourisco deste gênero, como resulta de uma fotografia, daquele tempo, existente na Repartição do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desta Cidade do Salvador.

A mesma coisa vale das grades quadradas de ferro, existentes nos conventos da Lapa e do Destêrro. Sem dúvida há grades iguais em tôda a África do Norte (12), sem que se possa dizer terem influenciado as ditas grades baianas. E na mesma área cultural norteafricana também não faltam varandas ou balcões, cercados de grades de ferro liso ou de voltinhas simples e repetidas (13), como são tão freqüentes nas antigas casas do Pelourinho e do Passo na Cidade do Salvador.

Há pouquíssimas grades de ferro de valor artístico, existentes ainda na Cidade do Salvador. Mas, por ora, descobri apenas uma onde pode haver influência arábica, pois não se trata de motivos decorativos universais, a não ser do losango, empregado na parte inferior do portão de ferro que dá acesso ao pátio do convento da



Mirante do Destêrro, feito entre 1683-1685, para aumentar a igreja já existente desde o começo do séc. XVII.

Lapa, feito em 1746. Naturalmente não se pode afirmar ser o atual portão idêntico ao fabricado naquele tempo, pois objetos de ferro não costumam resistir muito ao salitre dos ventos baianos. Não é, porém, impossível o portão da Lapa ter resistido tanto tempo, pois se encontra num lugar protegido dos ventos que vêm do mar. Pois bem, na parte superior do dito portão de ferro do convento da Lapa encontram-se motivos decorativos iguais a outros bem parecidos na banda esquerda da mesquita de Al-Ashar, no Cairo, construída em 1010 (14), que pode haver tido influência; mas a semelhança pode ser também casual. Que o ferreiro tenha empregado um motivo decorativo fálico na entrada de um convento de freiras, pode-se atribuir ou à ignorância ou à malícia do artista que lhe deu o desenho.

Há, porém, outras coisas na Bahia que, a meu ver, devem ser atribuídas à influência arábica; mas, até hoje ninguém o fêz. Refiro-às obras de talha em forma de círculos cruzados, tão característicos da arte islâmica (15), aplicados na capela-mor da igreja de São Francisco da Bahia e de efeito decorativo maravilhoso. O arquiteto ou o entalhador que desenhou esta decoração inspirou-se na arte islâmica; infelizmente não conhecemos seu nome. Mas está na hora de abandonarmos esta mania de procurar sempre só o nome do autor de uma obra artística e de apreciarmos mais o seu valor intrínseco, falando apenas do mestre anônimo de tal e tal obra.

Mesmo nos azulejos portugueses do tempo colonial, existentes na Bahia, não devemos procurar tanto a influência arábica. Sem dúvida, esta existiu até aproximadamente 1700, quando desaparecem os "arabescos" na decoração das baianas e predominam em pouco tempo as figuras humanas, animais e plantas, não apenas estilizadas, mas naturais; sinal que seu pintor se tinha livrado da influência cultural arábica, aceitando porém a contribuição holandesa. Os neerlandeses, na fabricação de seus azulejos em ladrilhos isolados, não sofreram influência arábica, mas chegaram a êstes produtos nas tentativas primitivas de querer fabricar pratos de porcelana à maneira chinesa. E já que, neste tempo, os holandeses não eram mais inimigos dos portugueses e brasileiros, mas os distribuidores de seus artigos comerciais, principalmente do açúcar e do tabaco nos países nórdicos, alguns lusitanos também chegaram a visitar os Países Baixos e trouxeram para Portugal os segredos da fabricação de tais azulejos isolados com flôres, plantas, animais, figuras humanas, barcos, paisagens marítimas em miniatura, etc. Não admira, pois, que por volta de 1720 a Bahia recebesse inúmeros azulejos dêsses, enfeitando com êles a parte inferior das paredes da nave da igreja da S. Casa, a cozinha, mas também os confessionários do convento de S. Teresa, a Ordem 3.^a de São Francisco e o convento do Destêrro. Quando os espanhóis pararam com a fabricação de azulejos depois da expulsão dos árabes, os portugueses desenvolveram, a seu modo, a mania ará-

bica de antes de tudo enfeitar as paredes, criando o azulejo-tapete, já completamente livre da influência islâmica, tanto no emprêgo de motivos decorativos como das cenas em vários metros quadrados aí representados.

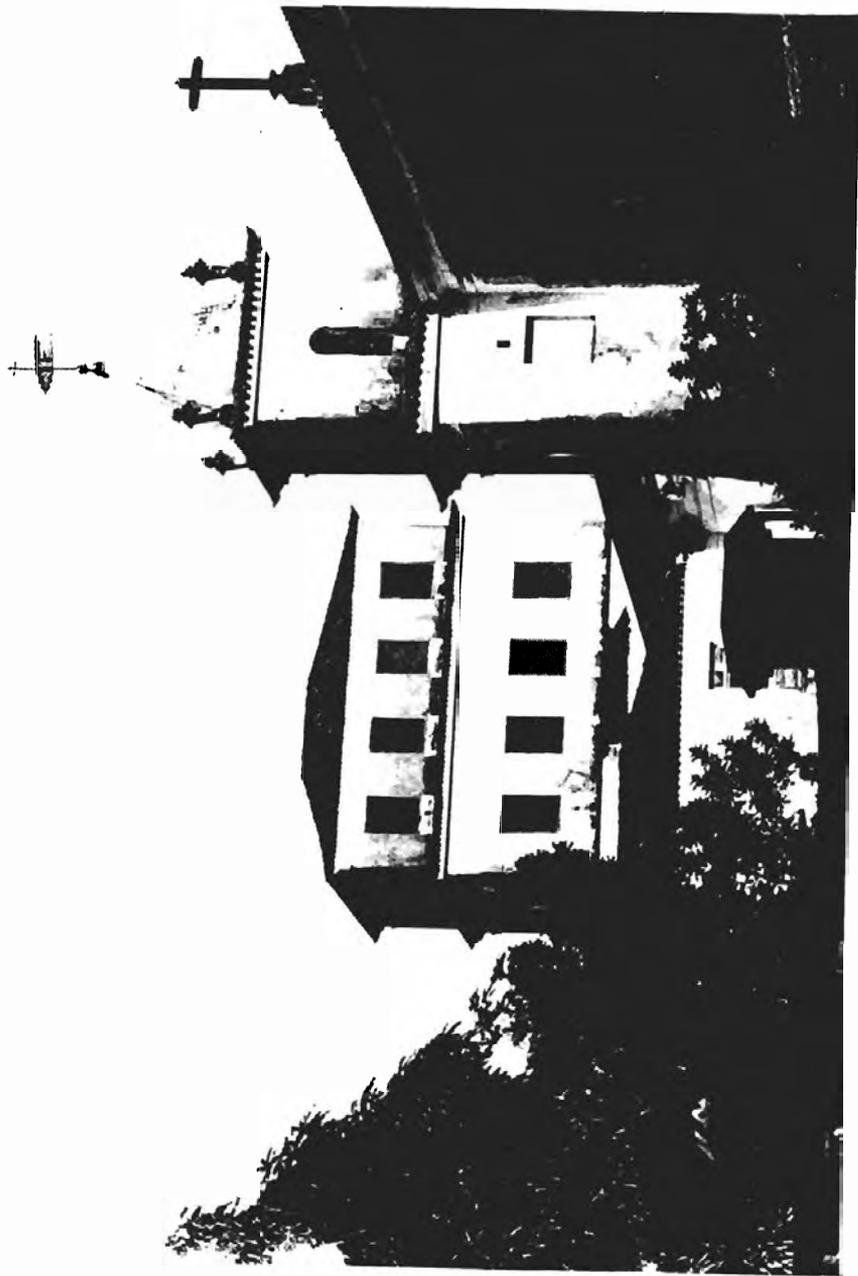
Onde, porém, sempre se quer ver influência arábica pronunciada é nos mirantes baianos.

Mas devemos distinguir mirantes de conventos e de casas particulares. Quer-me parecer que o segundo antes nasceu da antiga torre dos engenhos de açúcar, já prescritos na Bahia seiscentista, para a proteção contra invasões repentinas de índios. Já que estas invasões, principalmente de índios Paiaiaí do vale do Paraguaçu, prolongaram-se no Recôncavo baiano ainda no Séc. XVII, muitos baianos acostumaram-se por precaução a dormirem nas torres; e assim elas se transformaram, aos poucos, em mirantes particulares, sem haver influência arábica.

Não devemos procurar influência cultural alheia em tôda a parte, como fazem muitos historiadores de arte sem preparo etnológico. O norte-americano Robert Smith é um dêles que, por isso, já ataquei várias vêzes; o baiano e o nôvo ambiente geográfico também deram a sua contribuição na formação da cultura baiana.

Não nego, porém, a grande probabilidade de o mirante dos conventos baianos ter nascido da cúpula das mesquitas islâmicas. O exemplo clássico disso é o mirante do convento de S. Teresa desta Cidade do Salvador. Se o mirante do convento do Salvador de Évora que, segundo tudo indica, serviu de modelo (16), também encobria a cúpula da igreja como na de S. Teresa, não resulta da bibliografia que tenho às mãos. Que aqui se escondia a igreja cristã debaixo de um mirante pagão, remonta talvez à influência moçarábica de quererem encobrir a sua apostasia da fé cristã com a influência da arte islâmica.

Os outros mirantes existentes na Bahia encontramos todos em conventos de freiras; e havia aqui principalmente a finalidade de servirem de dormitórios. No do Destêrro, porém, o andar térreo e o primeiro pavimento fazem parte da igreja e serviram como prolongamento da capela primitiva já existente quando vieram as fundadoras de Évora. O mirante do Destêrro foi construído, entre 1683-1685, por Francisco Pinheiro, como provei num livro sôbre o Destêrro e a Lapa que acabo de escrever. E aí provei também a forte influência da ala da S. Casa, onde estão instalados a sacristia e o salão nobre, poucos anos antes construída pelo mesmo engenheiro em exercício. Mas já que esta influência da S. Casa aparece mais por dentro, é possível que na sua forma exterior, Francisco Pinheiro, ou por iniciativa própria ou devido à sugestão da primeira Abadêssa, vinda de Évora, pode ter-se inspirado no mesmo mirante do convento do Salvador da dita Cidade. Que antigamente o dormitório possuiu



Mirante do Convento da Lapa, juntamente com a torre da primeira igreja da mesma invocação, já existente em 1725.

janelas com grades de xadrez ou rótulas, como ainda se conservam no mirante da Lapa, creio não se pode contestar, embora os documentos por ora conhecidos nada disso digam. Mas as janelas-portas de cantaria, atualmente existentes no dormitório do mirante do Destêrro, não remontam ao tempo de sua construção, e sim certamente foram colocadas no séc. XIX quando, na ala virada para a Saúde, acrescentaram balcões e varandas na frente das celas primitivas, anteriormente fechadas com grades de ferro, como resulta positivamente do contrato da construção, de 1700. Provavelmente foi neste tempo que fizeram ou quiseram fazer uma varanda em redor do dormitório do mirante. Pedra de cantaria supérflua também é documento que fala. E as freiras do Destêrro tinham fama por causa de seus namoros escandalosos e de seus trajes livres. Em 1859, Dom Pedro II (17), ao visitar o Destêrro, observou que as freiras usavam um hábito, evidentemente formado na Bahia, que não somente deixava o pescoço livre de pano (o que se compreende em clima tropical) e sim até grande parte do peito e das costas. As freiras faziam questão de mostrar seus encantos femininos. E que êstes davam na vista em algumas, mostra a própria observação do Imperador bonachão, ao descobrir entre as 23 freiras, então existentes, a fisionomia bonita de uma prima da Condessa de Barral, sua amante (18). Que as recolhidas da S. Casa arrancassem as rótulas de seu recolhimento, compreende-se; pois elas estavam lá apenas para esperar um rapaz que quisesse casar com uma môça pobre à qual a S. Casa desse um enxoval. Mas as freiras do Destêrro tinham feito voto de castidade. Sem saber, as freiras do Destêrro deixaram-se influenciar por idéias islâmicas, pois o Maometismo é a religião que dá mais liberdade na vida sexual.

O segundo mirante (típico para os conventos de freiras) foi o do recolhimento da S. Casa, construído, em 1704, no lugar da atual Delegacia dos Costumes (anteriormente Fórum); além de môças pobres, recolhiam-se aí, na "roda", crianças recém-nascidas e abandonadas pela mãe. Não foi um edifício menos importante do que o do Destêrro, projetado por Gabriel Ribeiro, o célebre construtor da Ordem 3.^a de São Francisco e construído por Manoel Quaresma, outro mestre de obras, famoso naquele tempo (19). Não possuímos a planta do edifício nem desenho ou fotografia, mas uma descrição bem minuciosa, feita em 1843, por mestres pedreiros e carpinteiros para fins de avaliação do dito edifício e que publicamos nas anotações dêste artigo, em primeira mão (20). Daí resulta que o mirante dêste recolhimento ficava "sôbre o arco que dá passagem franca ao povo para baixo (quer dizer, pela Ladeira da Misericórdia), o qual arco é fechado à noite por dois portões; tem o dito Mirante cinco andares". Apesar de não possuímos nenhum desenho, podemos imaginar o aspecto pitoresco que então possuía a Ladeira da Misericórdia, só

comparável a outro arco dêsses, que ligava a Sé antiga ao Palácio dos Arcebispos e permitia a êstes passar à sua Catedral sem pisar na rua; como na igreja da S. Casa se fêz um segundo côro para que as recolhidas pudessem chegar diretamente pelo passadiço por cima da Ladeira da Misericórdia, dando passagem direta para o edifício da S. Casa. Infelizmente, êste mirante, apesar de sua sólida construção, não resistiu ao terreno do barranco e teve que ser demolido por ordem da Prefeitura por motivos de segurança.

O terceiro mirante da Cidade do Salvador, em convento de freiras, foi o da Lapa, construído por volta de 1740, pelo mestre carpinteiro e um dos nove fundadores do estabelecimento e que recolheu aí, de uma vez, cinco filhas, João de Miranda Ribeiro. É o mirante, dos atualmente existentes, mais perfeito; que o construtor mencionado inspirou-se no do Destêro (como daí aceitou vários outros elementos arquitetônicos, como os locutórios, a “roda” da portaria, os armários embutidos nas celas das freiras e outras coisas mais), não se pode negar, embora lhe desse forma quadrada, em vez da retangular do Destêro. Se as grades de ferro e as rótulas não são mais as primitivas, ao menos conservou-se, na restauração, sua forma antiga.

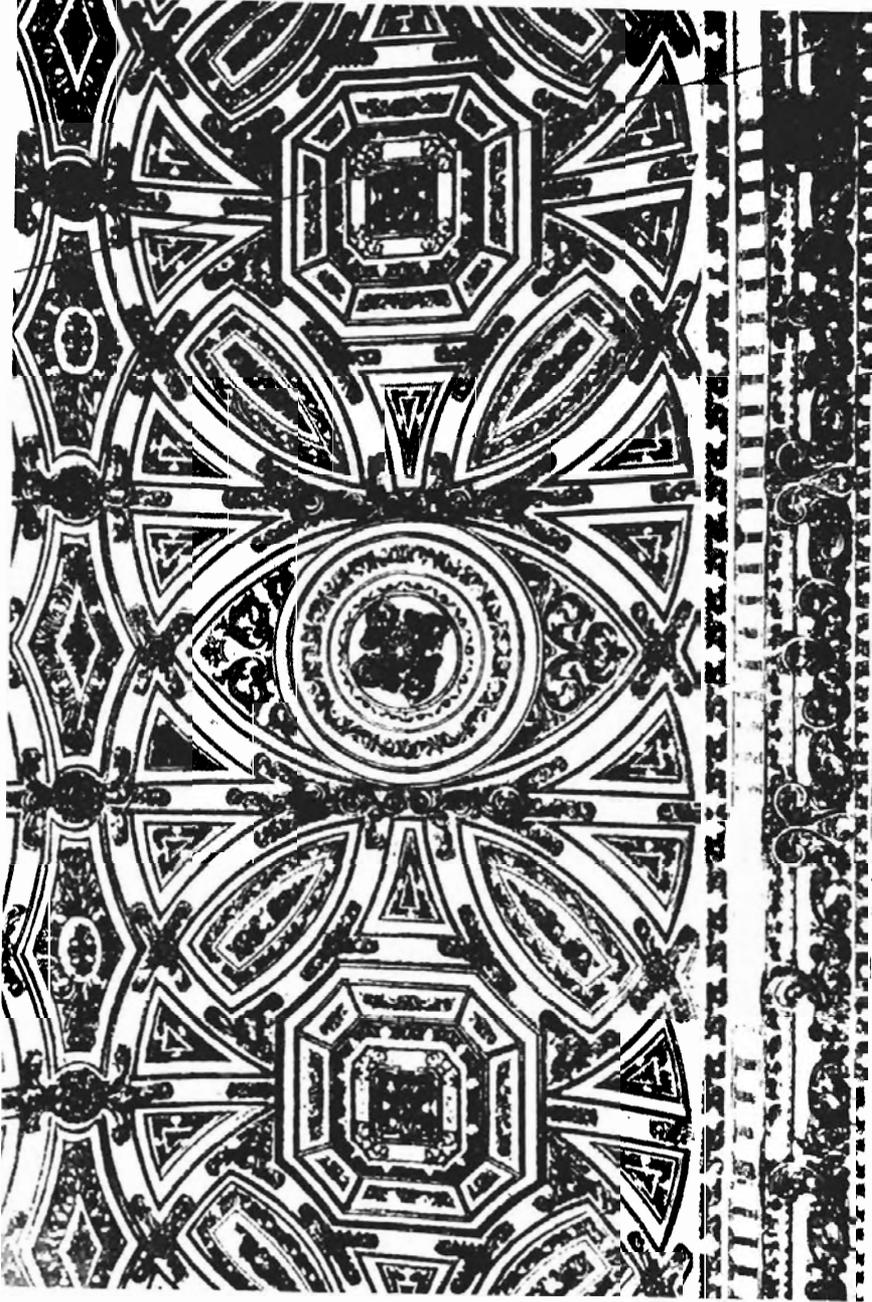
Outro mirante, já menos perfeito do ponto-de-vista arquitetônico, ainda existe no Recolhimento da Soledade.

E finalmente, ainda acrescentamos mais um elemento arquitetônico de origem arábica, existente na Bahia: as chaminés enormes, terminando num pescoço fino, que permitiam fazer churrasco numa cozinha enorme para muitas pessoas (21). Conheço apenas um exemplar e por sinal existente no convento dos franciscanos, em Cairu; mas que devem ter existido em engenhos de açúcar e fazendas grandes de numerosos escravos.

A arte está-se tornando cada vez mais internacional e perde os aspectos pitorescos que possuía antigamente. O etnólogo, apaixonado pela variedade cultural, não gosta desta uniformidade monótona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 — FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 4. ed. Rio, Ed. J. Olympio, 1943. v. 1, p. 368.
- 2 — OTT, Carlos, *Formação e evolução étnica da Cidade do Salvador*. Salvador, s. c. p., 1955-1957. 2 v.
- 3 — FREYRE, G. Obra citada. v. 1, p. 366.
- 4 — Arquivo da Igreja do Passo, Contrato com o construtor da igreja, em 1736.
- 5 — Arquivo Público da Bahia. Notas de Tabeliães 1700. V. 16, fos. 204v-206r.
- 6 — RACKL, Hans. Museen in Meeresgrund. Wege und Ergebnisse der Unterwasser-Archeologie. *Westermanns-Monatshefte, Braunschweig*, 103 (1): 74, 1962.



Fôrro de obra de talha dourada, existente na capela-mór da igreja de São Francisco da Cidade do Salvador

- 7 — PIGOT, Stuart. Die Welt aus der wir kommen. Die Vorgeschichte der Menschheit. Berlin, 1962.
Ver o artigo de HOOD, M. S. F. Die Agaäer der vergeschichtlichen Zeit, p. 223, fig. 46, 76.
- 8 — FREYRE, G. Obra citada. vol. 1, p. 366.
- 9 — KUSCH, Eugen. Weltstadt am Nil. *Westermanns-Monatshefte*. Braunschweig, 97 (12): 51, 1956.
- 10 — SCHMID, Peter. Die zwei Wunder Persiens. *Westermanns-Monatshefte*. Braunschweig, 101 (8): 63, 1960.
- 11 — ALSDORF, Ludwig. Reise nach Nepal. *Westermanns-Monatshefte*. Braunschweig, 97 (11): 42, 1956.
- 12 — BUSCHAN, George. *Die Sitten der Völker*. Stuttgart, s.c.p., s.d. v. 2, p. 440-447.
- 13 — Ibidem, p. 458.
- 14 — RICE, David Talbot. *Die Kunst des Islam*. Berlin, s.c.p., 1965 p. 89, fig. 87.
- 15 — SINZIG, Pedro (Frei). Maravilhas da religião e da arte na Igreja e no Convento de São Francisco na Bahia. *Boletim da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio, 1933. p. 50.
- 16 — DAVID, Celestino. *Évora na história e na arte*. Porto, Convento do Salvador, 1930.
- 17 — Ver Diário da Viagem ao norte do Brasil por D. Pedro II, Bahia, 1959. p. 75-76
- 18 — LACOMBE, Américo Jacobina. A Condessa de Barral. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis, 1944. v. 5, p. 5-24.
- 19 — OTT, Carlos. *A Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador*. Rio, s.c.p., 1960. p. 156-8.
- 20 — “O Recolhimento tem tres andares na frente da rua direita, com oito portas de lojas de rendimento; o primeiro andar tem oito janelas de peitoril, o segundo e o terceiro cada um tem as mesmas oito janelas, sendo sete de peitoril e uma conventual, todas envidraçadas e com grades de ferro.

Pela parte posterior, correspondendo a ladeira, tem quatro andares com quatro portas de lojas; nos primeiros dous andares tem quatro janelas de peitoril em cada um, e nos dous ultimos tem em cada um quatro janelas de peitoril e uma conventual, todas com grades de ferro, além de 30 janelas de peitoril e duas conventuais que deitam para o lado da parte da igreja, todas com suas grades de ferro. No primeiro andar existem o refeitório, cozinha, dispensa e vários quartos que servem para amas. No segundo andar há 20 celas, casa da “roda” e cela da confissão das recolhidas, com seus competentes corredores e oito portadas de cantaria nas paredes centrais. No terceiro andar há celas, casas de costuras, salão do Oratório e uma maior cela da residencia da Senhora Regente e as mesmas oito portadas de cantaria. O Mirante é baseado sobre o arco que dá passagem franca ao povo para baixo, o qual arco é fechado à noite por dous portões; tem o dito Mirante cinco andares, o primeiro dá entrada para o Recolhimento; no segundo pavimento é ladrilhado sobre a abóbada do referido arco com lagêdo de mármore polido com duas janelas para a frente e duas para o fundo. O segundo andar do Mirante, que é o terceiro do Recolhimento, tem as mesmas quatro janelas e dá passagem para o salão de aula; desse pavimento para cima tem ele tres andares que evadem ao telhado do Recolhimento com duas janelas para cada um dos quatro lados e todas envidraçadas; tem um páteo com 39 por 37 palmos, no meio. E nesse mesmo pavimento estão o antigo refeitório, cozinha composto de arcos de alvenaria por tres lados e uma grande cisterna e outros cômodos, já pouco habitados.

Todo o Recolhimento é baseado sôbre grossas paredes de alvenaria que sobem até o último andar, sendo os repartimentos feitos de frontais singelos e as portadas que circulam o edificio são todas cantaria.

A vista do seu estado e partes que se acham arruinadas, nós o avallamos em sessenta e cinco contos de reis." (Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Salvador, Receita e Despesa 1842--1845, fos. 13v-14r)

- 21 — HAUPT, Albrecht. *A arquitetura da renascença em Portugal*. Lisboa, s. c. p., s. d., p. 138.

ARAB INFLUENCE ON THE ART OF BAHIA

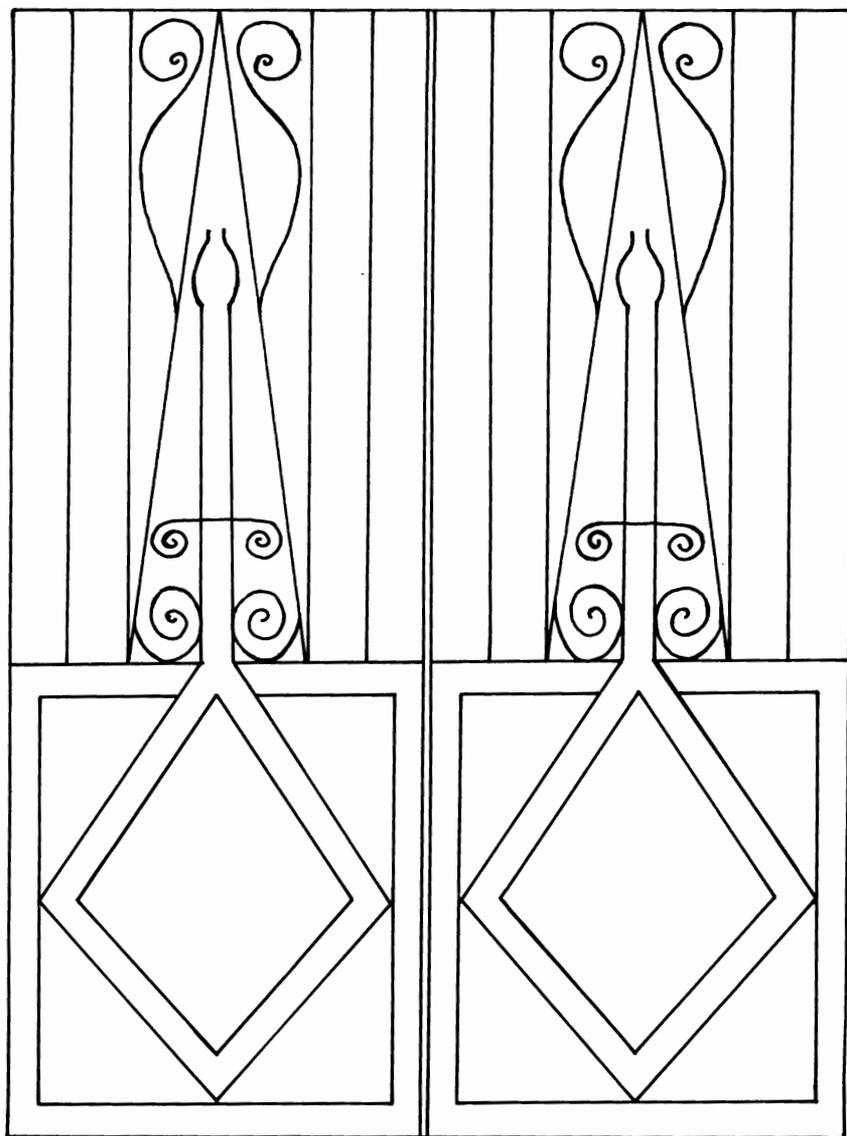
This paper is an endeavour to localize Arab influence on the traditional architecture of Bahia. First the Author expresses his disagreeing opinion over a generalized Arab influence, the viewpoint of sociologist Gilberto Freyre. The Author thinks that this generalization is wrong in many points, including the so called colonial tiles. The same doubt exists regarding the iron grillwork of many windows in Salvador.

Among the decoration items with a possible Arab influence the Author mentions the cross-circle shaped wood engravings found on the major altar of St Francis Church. But it is on the towers of convents and privates in the possibility of those towers had been patterned after the domes houses that the Author finds the strongest influence. He even believes in the possibility of those towers had been patterned after the domes of mosques. Like the towers, of Arab origin would be the tall chimneys, thin on their upper parts, of which only one remains, that one of the Franciscan's convent at Cairu.

L'INFLUENCE ARABE DANS L'ART BAHIANAIS

Le présent article essaie de localiser l'influence arabe dans l'architecture traditionnelle de Bahia. Contrairement à Gilberto Freyre l'auteur nie l'existence d'une influence arabe généralisée. L'auteur réfute cette thèse notamment par rapport aux tuiles coloniaux et les grilles des fenêtres à Salvador.

Entre les éléments décoratifs traduisant une probable influence arabe l'auteur mentionne la taille en bois, sous la forme de cercles entrelacés de la chapelle de l'Eglise de São Francisco. Mais c'est de les "mirantes" des couvents et demeures privées que cette influence se révèle avec le plus de force. L'auteur croit possible que l'origine de ces "mirantes" réside dans la coupole des mosquées. De même façon les cheminées coniques en leur partie supérieure — dont une seule existe encore à Bahia: celle du couvent franciscain de Cayru — seraient d'origine arabe.



Portão de ferro de duas bandas do Convento da Lapa, que dá entrada para o pátio.